

O CAMPO LEXICAL DOS ORIXÁS EM “O SUMIÇO DA SANTA”

Luana Cristine da Silva (UNEB)¹³⁰

luachriss@gmail.com

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

conceicaoreis@terra.com.br

RESUMO

“O sumiço da Santa” (1988), romance de Jorge Amado, retrata as aventuras de Santa Bárbara, a do Trovão, que, cansada das obrigações católicas, desaparece na chegada ao cais de Salvador para sua exposição no Museu de Arte Sacra e se transforma em Iansã. O misterioso acontecimento aborda questões culturais, políticas e sociais da realidade baiana da época, pois trata da dualidade religiosa entre o catolicismo e o candomblé. Nesta comunicação, estudaremos o campo lexical dos orixás da obra mencionada com o auxílio da lexicologia, e, mais precisamente, com base na teoria dos campos lexicais, proposta por Coseriu (1977). As lexias foram recolhidas com a assistência da ferramenta computacional informatizada *Antconc*, com base na linguística de *corpus*. Essa análise possibilita o reconhecimento dos traços da memória coletiva soteropolitana e afro-brasileira descritas no romance.

Palavras-chave:

Lexicologia. Orixás. Campo lexical.

ABSTRACT

“O sumiço da Santa” (1988), novel by Jorge Amado, portrays the adventures of Santa Barbára, that of thunder, which, tired of the catholic obligations, disappears in the arrive at the pier for yours religious art exhibition in Salvador and turns into Yansã. The mysterious event brings up cultural, political and social issues in the Bahian of the time, because it treats of catholic and afrobrazilian synchretism. In this paper, we will study the lexical fields of *orixás* in the novel mentioned with the aid of Lexicology, and, more precisely, based on the Theory of Lexical Fields as proposed by E. Coseriu (1977). The lexias were collected with the assistance of the computer tool *Antconc*, based on corpus Linguistics. This analysis makes it possible to recognize the traces of the collective Salvador and Afro-Brazilian memory described in the novel.

Keywords:

Lexicology. Orixás. Bahian Literature.

1. *Introdução*

Jorge Amado, segundo Prandi (2010), recebeu de um pai de santo,

¹³⁰ Agradeço à FAPESB pelo fomento para a bolsa de pesquisa.

Procópio, do terreiro do Ogunjá, o título de ogã e ocupou uma das doze cadeiras do conselho de obás de Xangô, no candomblé Opô Axé Afonjá, fundado pela mãe de santo Abinha Obabí. Pela sua proximidade com o Candomblé, Amado contribuiu positivamente para a sua divulgação através de seus romances. “O sumiço da Santa: uma história de feitiçaria” é uma de suas obras romanescas em que aborda a temática de forma muito singular.

No referido romance, publicado em 1988, seu autor discute aspectos da religiosidade da sociedade baiana, abordando especialmente o chamado sincretismo entre as práticas católicas e as práticas do candomblé. A narrativa, que transcorre no intervalo de tempo de apenas 48 horas, ambienta-se no final dos anos 60 e início dos anos 70.

Na representação da cultura, o romancista estabelece marcas singulares da identidade cultural soteropolitana, fazendo com que o povo se reconheça enquanto agrupamento cultural que compartilham das mesmas práticas. Dentre os elementos culturais que tecem a identidade de um povo estão a língua, a culinária, as crenças religiosas, as normas e os valores.

A linguagem tem papel muito relevante para e na construção das marcas identitárias dos sujeitos. O léxico de uma língua é a porta de entrada, é a fonte gestação e de difusão das tradições de uma comunidade, pois, é através dele que os valores e os costumes de um grupo social transparecem e se difundem. Por isso, pode-se dizer que o estudo do léxico em textos literários permite identificar marcas da cultura, e, por consequência, resultar no entendimento dos modos de vida de um agrupamento social. Tomar o romance “O sumiço da Santa: uma história de feitiçaria”, para realizar estudo lexicológico, é muito significativo porque, na referida obra, os costumes afro-brasileiros, herança de seus antepassados, são postos em evidência pelo romancista.

No presente texto, objetivamos apresentar parte de um estudo em desenvolvimento que busca analisar o léxico designativo para as práticas religiosas de matriz africana. Será focado aqui o campo lexical dos orixás. Tomamos como aporte teórico os postulados de Coseriu (1977). O levantamento das lexias que integram o *corpus* aqui analisado deu-se com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*, software desenvolvido por Laurence Anthony (2014), que permite quantificar os dados permitindo uma análise mais segura e confiável.

2. “O sumiço da Santa” e a representação do candomblé

Por muito tempo a religião católica foi a única religião tolerada no Brasil. O candomblé, apesar de sua força e vitalidade dentro das comunidades afrodescendentes, ficou em segundo plano, praticado às escondidas. De acordo com Prandi (2010), só a partir dos anos 1960, o candomblé ganhou espaço, tornando-se uma religião autônoma e ganhando mais visibilidade. Durante muito tempo, e até recentemente, o candomblé sofreu intensas perseguições do poder público, da polícia e da imprensa, que julgavam, preconceituosamente, a prática religiosa como “coisa do diabo”.

Contudo, o preconceito e o racismo não impediram que as comunidades afrodescendentes deixassem de realizar seus cultos e ritos religiosos herdados de seus ancestrais. Uma forma de escamotear e fugir da perseguição foi a realização de práticas denominadas de sincretismo religioso. Entende-se aqui sincretismo como a prática religiosa marcada pela presença de elementos de diferentes crenças e de diferentes manifestações religiosas. Por vezes, estes elementos se inter-relacionam de forma tal que é difícil para o não especialista identificar quais elementos pertencem a uma ou a outra doutrina religiosa.

Alguns estudiosos acreditam que o sincretismo, mecanismo cultural responsável pela reconstituição das religiões africanas no Brasil, surgiu no século XIX. A palavra “santo” serviu de tradução para “orixá”, inclusive nos termos “mãe de santo” e “povo de santo”, em que originalmente a palavra africana era orixá e o santo seria o católico (PRANDI, 2010, p. 50). Para Sousa Júnior (2003):

O sincretismo religioso, fenômeno observado em todas as religiões, ganhou conotação pejorativa e passou a designar as religiões de origem africana, reorganizadas no Brasil. Candomblé tornou-se, assim, sinônimo de inautenticidade, e o sincretismo apenas entendido como relação santo/orixá, uma das razões desta falta de originalidade, pela qual algumas lideranças religiosas agora o rejeitam (SOUSA JÚNIOR, 2003, p. 17)

Prandi (2010) afirma ainda que o sincretismo serviu como forma de proteção. Sousa Júnior (2003) comunga da mesma ideia. Afirma que cada comunidade afro-brasileira experimenta uma forma diferente de vivenciar o sincretismo:

O sincretismo afro católico foi constituído em diferentes situações e é vivido de formas particulares, embora possa cobrir-se com o mesmo véu, recorrendo às mesmas máscaras, apresentando-se, assim, à nossa percepção, como uniformes. E mais que isso, o sincretismo de cada comunidade

explica-se a partir das condições concretas e histórias vividas para cada grupo [...] (SOUSA JÚNIOR, 2003, p. 24)

Em “O sumiço da Santa”, Jorge Amado acreditava que a fusão entre cultura religiosa brasileira de base cristã e africana era responsável pela harmonia das tradições de origens diferentes. Segundo o romancista, os orixás e os santos são uma só entidade, isto é, não faz diferença chamar Santa Bárbara ou chamar de Iansã, já que ambas são as mesmas divindades e possuem as mesmas características e poderes.

Jorge Amado aborda o tema com muita leveza no referido romance. As duas religiões são apresentadas de forma bem-humorada e, de certa forma, mística. Por vezes, parece brincar com as duas práticas. De um lado, apresenta o catolicismo como a fonte de uma série de problemas como, por exemplo, o fanatismo, o dogmatismo, o excesso de doutrinas muito rígidas que impedem a liberdade humana. Por outro lado, apresenta o candomblé como a única forma para obtenção da liberdade e da salvação dos personagens principais da trama. A título de ilustração, citamos a passagem do romance em que Santa Bárbara, uma estátua branca, se converte em Iansã, uma negra linda. Neste momento, ela se transforma na heroína salvadora de Manela e Adalgisa.

3. *Língua, cultura, sociedade: breves considerações*

Teixeira (2019, p. 122) assevera que a língua, dentre outras coisas, registra e acumula as aquisições culturais e assegura a continuidade do conhecimento e avança e recua no tempo, bem como espelha a vida do povo e é meio das manifestações culturais. Daí podermos afirmar que a língua de uma comunidade é uma ferramenta capaz de preservar e representar a cultura de uma sociedade, retratando as influências pelas quais passam os diferentes povos. Nesta direção, Ferraz (2006, p. 219) diz que:

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem. (FERRAZ, 2006, p. 219)

Segundo Oliveira e Isquierdo (2001), o léxico é “[...] um saber partilhado que existe na consciência de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo – linguístico – cultural”. Como afirma Teixeira (2019, p. 123), o léxico é o nível da língua que melhor retrata a

riqueza cultural de determinado povo uma vez que ele acompanha as mudanças históricas, sociais e culturais dos seus falantes.

Biderman (2001) parece corroborar com tal concepção. Para esta autora, o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história e constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Nesta direção, Teixeira (2017) afirma que as relações entre língua, cultura e sociedade são tênues, já que toda comunidade falante de determinada língua apresenta expressões próprias e particulares que dependem do estilo de vida, das situações históricas e dos níveis socioculturais de cada grupo.

Em função de o léxico ser o nível da língua que melhor retrata a riqueza cultural de determinado povo, Teixeira (2015, 2017, 2019) tem defendido que o estudo lexicológico é muito relevante para que se possa compreender a estrutura social e as marcas identitárias de uma sociedade, já que o léxico é o nível da língua que melhor espelha a cultura. É através do léxico que se dão as interações verbais, sociais, culturais entre o eu e a sociedade, tecendo, portanto, sua identidade.

4. O campo lexical dos orixás em “O sumiço da Santa”

Na teoria dos campos lexicais, proposta por Eugenio Coseriu (1977 *apud* TEIXEIRA, 2019), as lexias são agrupadas em consonância com a aproximação semântica, por possuírem uma mesma substância semântica linguisticamente formada, opondo-se por traços mínimos que a diferenciam e constituindo uma mesma área do conhecimento. Na visão coseriana, o campo lexical é o conjunto de palavras que pertencem à mesma área de conhecimento e está dentro de uma língua. Melhor dizendo, o campo lexical representa uma estrutura orgânica de significados onde as lexias se relacionam umas com as outras dentro de um campo semântico obedecendo a uma relação hierárquica articulada entre as palavras que coabitam aquela órbita. Em detrimento disso, o significado de cada palavra depende do significado de suas vizinhas conceituais.

Nesta perspectiva, as lexias designativas dos orixás não podem ser analisadas isoladamente, pois, fora do conjunto, do campo lexical, não existe significação. Por isso, Teixeira (2017, p. 296) assevera que “o estudo do léxico, consoante à teoria do campo lexical coseriano, permite entrever aspectos do funcionamento da estrutura social da comunidade de

fala de uma dada língua”.

Quadro 1: O microcampo lexical dos orixás em “O sumiço da Santa”.

“O sumiço da Santa”: microcampo dos orixás	Subcampo dos orixás femininos	Iansã Ojá Iemanjá Inaê Iamansê Oxum Euá
	Subcampo dos orixás masculinos	Oxalá Oxalufã Oxaguiã Oxóssi Xangô Exu Elegebará Ogum Omolu Obaluaê Ifá Oxumarê Ossãe

Fonte: Amado (2010 [1988]).
Elaboração das autoras.

Da obra objeto do estudo que resultou na produção do presente texto, selecionamos as lexias designativas das práticas religiosas de matriz africana, de acordo com a teoria dos campos lexicais. Foram identificadas 08 microcampos. Para composição do *corpus* aqui analisado, selecionamos o microcampo dos orixás. Integram este microcampo (20) vinte lexias, as quais foram identificadas e classificadas dois subcampos, em feminino e masculino, totalizando 20 (vinte) lexias. O Quadro 1 traz, resumidamente, o microcampo dos orixás, subdividido nos dois subcampos: femininos (07 lexias) e masculinos (13 lexias).

4.1. Microcampo dos orixás

Iansã é a divindade dos ventos, dos raios e da tempestade, uma das três esposas de Xangô. No Brasil, foi sincretizada como Santa Bárbara, a do Trovão (como é chamada nos terreiros de candomblé). Sua cor é o vermelho, seu dia de culto é quarta-feira e o dia de celebração maior, marcado com festejos e muita pompa é 4 de dezembro. No romance, **Iansã** é a personagem principal. Todos os acontecimentos narrados na trama giram em torno de sua transformação e sua fuga do cais. Por isso, na disposição hierárquica das lexias, ela figura como a primeira. Cabe observar que é a representação e a significação atribuída e Jorge Amado que são consideradas para a disposição hierárquicas das lexias, é a lexia principal. **Oiá** é a designação mais comum em práticas do candomblé de origem nagô. Contudo, **Iansã** tem emprego mais geral, possuindo as mesmas características da designação anterior.

Iemanjá é orixá do mar, mãe dos orixás e mãe da humanidade, sincretizada como Nossa Senhora, Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora da Glória. Suas cores são o branco e o azul, seu dia da semana é sábado, e o dia de comemoração é 2 de fevereiro. No romance, recebe várias designações. Dentre eles, destacamos **Inaê**, denominação mais usada nos cultos Bantu, e **Iamansê**, usado no candomblé nagô como uma qualidade de **Iemanjá**, considerada mãe de **Xangô**.

Oxum é a orixá das águas doces (rios, lagos e fontes), da fertilidade e da beleza; uma das esposas de **Xangô**. Sincretizada como Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Candeias, sua cor é amarelo-ouro e seu dia da semana é sábado. Sua comemoração é no dia 8 de dezembro. No romance, é apresentada como uma figura maternal.

Euá é a orixá das fontes e guardiã dos segredos, do arco-íris e da sensibilidade. É considerado o lado feminino ou irmã de **Oxumaré**. No Brasil, é comum ser confundida com **Iemanjá**. Foi sincretizada com Santa Luzia por conta do seu poder de vidência. Suas cores são coral, rosa e vermelho. Terça-feira é seu dia de culto e de veneração. Em todos os anos, o dia 13 de dezembro é dedicado à celebração deste orixá, que no romance, aparece banhando-se nas fontes de Itaparica.

Oxalá é uma alta divindade. É o orixá da Criação responsável pela criação da humanidade e corresponde no sincretismo a Jesus Cristo, o Filho de Deus Pai, o Criador dos céus e da terra na visão cristã. O branco é cor que o representa, e é por isso que se costuma vestir branco toda sexta-

feira, dia dedicado ao seu culto. Natural, portanto, que o dia 25 de dezembro seja dedicado à sua celebração. **Oxalufã** é **Oxalá** quando velho. **Oxaguiã** é o criador da cultura material e **Oxalá**, quando jovem, traz a espada e tem fundamentos com **Ogum** e **Iansã**, sincretizado como o Menino Jesus, em função de sua jovialidade.

Oxóssi é o orixá da caça, da fartura e dono das matas, irmão de **Ogum**. **Oxóssi**, aquele que matou o pássaro maléfico, é sincretizado como São Jorge aquele que matou o dragão da maldade. Os dois heróis se fizeram um, como São Sebastião, pois as flechas se confundem como uma única coisa. Suas cores são o azul e o verde claro e quinta-feira é o dia de sua devoção. Em 20 de janeiro, os praticantes do candomblé rendem homenagens a **Oxóssi**.

Xangô é o orixá do trovão e da justiça. Foi sincretizado como São Jerônimo. Ambos têm o poder de defender o homem das tempestades. A mesma característica também é atribuída a São João, especialmente porque este representa o fogo, elemento característico de **Xangô** e presentes nos festejos juninos, quando é comum acender fogueiras. O branco e o vermelho são as cores que o representam e quarta-feira é seu dia de devoção. Costuma-se celebrar e render homenagens com mais fervor nos dias 25 e 29 de julho, quando é tradicional acender as Fogueiras de **Xangô**.

Exu é o orixá mensageiro, dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada das casas. Foi sincretizado como o Diabo, por causa da sua liberdade sexual e da capacidade de fazer tanto o bem quanto mal, bem como na aceitação de pedidos de devotos e clientes, justamente por isso, causando certa confusão. É responsável pela abertura dos caminhos e é padroeiro dos comunicadores. Suas cores são o vermelho e o preto, e seu dia da semana é a segunda-feira. **Elegebará** quer dizer Senhor da Força, um dos títulos de **Exu**.

Ogum é o orixá do ferro, da metalurgia, da agricultura e da guerra. Foi sincretizado como Santo Antônio, por ser um santo guerreiro e defensor das invasões estrangeiras da Bahia e São Jorge, por ser um guerreiro armado que derrota dragões. Sua cor é o azul (com verde-escuro, vermelho ou amarelo), terça-feira é o seu dia. Em 23 de abril costuma-se celebrar com muita pompa este orixá.

Omolu é o orixá da varíola e protetor dos pobres contra as pestes. É sincretizado como São Roque e São Lázaro, já que os três têm em comum a cura as doenças terríveis que corroem a pele. Suas cores são o vermelho e

o preto (tudo coberto de palha). O orixá costuma aparecer com o rosto coberto por um capuz de palha-da-costa (*azé*). Seu dia da semana é segunda-feira e seu dia de comemoração é 16 de agosto. **Obaluaê** é o orixá das endemias e epidemias, porque tem grande poder de cura sobre as doenças, forma jovem de **Omolu**.

Ifá, o oráculo nagô, é o orixá dos jogos de búzios, o senhor do oráculo, da vidência e do destino. É sincretizado como o Espírito Santo, por causa da proximidade com o Deus Supremo. Suas principais cores são: verde, amarelo e branco marfim. O seu dia de semana é a sexta-feira e 4 de outubro é dedicado à sua comemoração.

Oxumarê é o orixá do arco-íris, da chuva e da riqueza e simbolizado pela serpente. Acredita-se ser criado de **Xangô**. E é, ao mesmo tempo, de natureza masculina e feminina. Transporta a água entre o céu e a terra. Foi sincretizado como São Bartolomeu e suas cores são o azul-claro e o verde-claro. Quinta-feira é dia de seu culto e 24 de agosto é dia em que se comemora com muito fervor e devoção.

Ossãe ou **Ossain** é o orixá das folhas; herborista que cura com as ervas. Orixá da medicina, conhecedor das folhas (*peregum*) e ervas litúrgicas que prepara e guarda numa quartinha (*ibá*). Foi sincretizado como Santo Onofre, por causa das folhas que **Ossãe** usa para curar e o santo as usava para cobrir sua nudez de eremita. Suas cores são o branco e o verde-claro, seu dia da semana é quinta-feira e 12 de junho de sua celebração festiva.

A seguir, apresentamos as 20 lexias que pertencem ao campo lexical dos orixás documentadas na obra “O sumiço da Santa”. As entradas lexicais foram organizadas em seus respectivos subcampos, femininos e masculinos, partindo da percepção hierarquizada dos sentidos disposta por Jorge Amado em seu romance. Informa-se a categoria gramatical, o conceito, disposto em dicionários correntes da língua portuguesa FERREIRA (2010), LOPES (2006), de línguas africanas CASTRO (2005 [2001]) e em algumas situações específicas consultamos ainda DOURADO (2010). Após a definição, oferecemos uma abonação contextualizando o seu uso com a lexia em negrito.

4.1.1. Subcampo dos orixás femininos

IANSÃ – (S. f.) Orixá feminino cuja epifania são os ventos, raios e tempestades; sincretizado como Santa Bárbara, é o único orixá que enfrenta e

domina os eguns.

“Antes que as luzes se acendessem nos postes, **Iansã** sumiu no meio do povo” (AMADO, 1988, p. 20, L. 9).

OIÁ – (S. f.) Iabá cuja epifania, na África é o rio Oiá (Níger), é uma das mulheres míticas de Xangô. No Brasil, o mitônimo Oiá só é usado em candomblés nagôs, sendo Iansã o de emprego mais geral.

“[...] **Oiá** foi vista em ruas e becos, no centro e nas aforas da Cidade da Bahia, indo de axé em axé, em visitação” (AMADO, 1988, p. 141, L. 1).

IEMANJÁ – (S. f.) Orixá do mar, mãe dos orixás e mãe da humanidade.

“Manela iniciara a reinação na escadaria da igreja da Conceição da Praia, morada de **Iemanjá**” (AMADO, 1988, p. 51, L. 1).

INAÊ – (S. f.) Um dos nomes de Yemanjá, nos cultos Bantu.

“A cabeleira derramada, o nariz adunco, ave de rapina, era ao mesmo tempo a doçura do mundo, dona Janaína, **Inaê**, Iemanjá, Bethânia” (AMADO, 1988, p. 270, L. 25).

IAMANSÊ – (S. f.). No candomblé nagô, qualidade de Iemanjá considerada mãe de Xangô.

“[...] largo de Pulquéria, onde modesto e majestoso, se ergue o Ilê Iá Omim Axé **Iamansê**...” (AMADO, 1988, p. 353, L. 3).

OXUM – (S. f.) Orixá/deusa iorubana das águas doces, da riqueza, da beleza e do amor. É o orixá da fertilidade e maternidade.

“Logo se viu surgir diante do barco de **Oxum**, ocultando-o da vista dos passantes, um posto de gasolina [...]” (AMADO, 1988, p. 215, L. 10).

EUÁ – (S. f.) Orixá iorubá de sexo feminino, cuja epifania é um rio na Nigéria e que, no Brasil, por vezes, se confunde com Iemanjá.

“**Euá** vinha atrás banhando-se nas fontes, cisternas e cacimbas da cidade e nas nascentes de água, em Itaparica” (AMADO, 1988, p. 363, L. 18).

4.1.2. Subcampo dos orixás masculinos

OXALÁ – (S. m.) Alta divindade entre os orixás jeje-nagôs, abaixo apenas de Olorum. No Brasil, o orixá iorubano Obalotá.

“[...] no átrio da basílica aspergira a cabeça de Miro com as águas de

Oxalá” (AMADO, 1988, p. 290, L. 6).

OXALUFÃ – (S. m.) OXALUFAM – Oxalá-Lufam, a forma mais velha de Oxalá. Forma anciã de Oxalá como rei de Ifon (Nigéria).

“Exê-ê-babá! as palmas das mãos abertas na altura do peito, Manela saudara a chegada de **Oxalufã**, Oxalá velho...” (AMADO, 1988, p. 55, L. 7).

OXAGUIÃ – (S. m.) OXAGUIAN – Oxalá-Guian, a forma jovem do velho Oxalá. Oxalá que traz a espada e tem fundamentos com Ogum e Yansã. Forma jovem e guerreira de Oxalá.

“[...] dezessete Oxalás vadiavam no pátio, dez Oxalufãs, sete **Oxaguiãs** – , quando ouviu alguém pronunciar seu nome, chamando-a com insistência: – Manela! Manela! Olhe eu aqui” (AMADO, 1988, p. 59, L. 1).

OXÓSSI – (S. m.) Orixá iorubano da caça e dos caçadores. Orixá de caça, irmão de Ogum, segundo alguns mitos, dono do mato, Oxoce.

“Na guerrilha do humanismo, os três orixás vindos da África eram **Oxóssi**, Xangô e Exu Malé” (AMADO, 1988, p. 357, L. 3).

XANGÔ – (S. m.) Quarto rei lendário de Oyo (África) tornado orixá de caráter violento e vindicativo, cujas manifestações são raios e trovões.

“[...] Oxalá saiu um dia percorrendo as terras de seu reino e dos reinos de seus três filhos, **Xangô**, Oxóssi, Ogum...” (AMADO, 1988, p. 56, L. 9).

EXU – (S. m.) Orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada das casas.

“Padre José Antônio ignorava o caráter pagão do saracoteio, dança de despacho, própria para saudar **Exu**, o reinador: Laroîê!” (AMADO, 1988, p. 356, L. 8).

ELEGBARÁ – (S. m.) Um dos títulos de Exu, que quer dizer Senhor da Força.

“De frente, olho no olho: os olhos de **Elegbará** eram duas brasas” (AMADO, 1988, p. 356, L. 21).

OGUM – (S. m.) Orixá iorubano do ferro, patrono de todos os que habitualmente usam instrumentos ou ferramentas feitas desse metal como ferreiros, caçadores, guerreiros, barbeiros, entalhadores etc. É o Deus das guerras e o Orixá que abre os caminhos.

“[...] declarava-se filho de **Ogum**, mas as más línguas espalhavam aos

cochichos que o dono de sua cabeça era Exu, indícios e provas não faltavam” (AMADO, 1988, p. 33, L. 10).

OMOLU – (S. m.) Orixá de natureza guerreira que tem o poder de combater as doenças.

“[...] Esmeraldina, filha de **Omolu**, desenfreada na roda de samba, navio na procela” (AMADO, 1988, p. 217, L. 18).

OBALUAIÊ – (S. m.) Orixá das endemias e epidemias, porque tem grande poder de cura sobre as doenças. Forma jovem de Omolu.

“Tampouco Omolu ou **Obaluaiê**, debelava um surto de bexiga no sertão de Xique-Xique” (AMADO, 1988, p. 292, L. 16).

IFÁ – (S. m.) Orixá do jogo de búzios, o senhor do oráculo. Considerada juntamente com Odudua e Obatalá, um dos orixás da criação e senhor do destino e do saber.

“No jogo dos búzios, no rosário de **Ifá**, a ialorixá olhara e vira: Oiá ordenava-lhe que reservasse lugar para uma filha sua na tripulação do barco...” (AMADO, 1988, p. 292, L. 9).

OXUMARÊ – (S. m.) Orixá do arco-íris encarregado de suprir o Orum com água. No Brasil, é cultuado como metá-metá, ou seja, hermafrodita, que tem dois sexos. Na África é tido como Orixá masculino.

“**Oxumarê**, o arco-íris, cobra de duas cabeças, são Bartolomeu com seu tridente, arca da aliança, estendeu nos céus da Bahia o espectro solar...” (AMADO, 1988, p. 359, L. 23).

OSSÃE – (S. m.) OSSANIYN – É o Orixá das folhas e das florestas. O mesmo que Ossayn.

“[...] um Oxumaré, dois Oxalás, um velho e um moço, e, coisa rara de acontecer, um **Ossãe**, vindo do mato” (AMADO, 1988, p. 292, L. 14).

5. *Considerações finais*

A análise das lexias pertencentes ao campo lexical dos orixás, documentadas por Jorge Amado em seu texto literário, lastreada na teoria dos campos lexicais coseriano, evidencia alguns elementos da estrutura cultural das práticas religiosas de matriz africana. Há uma hierarquia dos orixás dado a sua relevância em relação aos elementos da natureza, da sua força e do poder. Tal hierarquia não correspondeu àquela adotada a-

qui na organização em campos lexicais, já que adotamos a relevância do orixá dentro da trama ficcional narrada pelo romancista baiano, não correspondendo, portanto, a sua hierarquia dentro do candomblé, por exemplo.

A partir da organização em microcampo, em subcampos e da distribuição de cada lexia dentro de cada categoria, pode-se observar que quase todos os orixás apresentam características próximas com um santo do catolicismo, daí a naturalidade do sincretismo religioso entre as práticas de matriz africana e as do catolicismo.

No subcampo feminino, **Iansã**, a personagem principal e heroína do romance, também pode ser chamada de **Oiá**, dependendo da nação, **Iemanjá** tem mais de uma nomeação, nos candomblés de nação Bantu pode ser **Inaê** e, nos da nação Nagô, **Iamansê**, uma qualidade dela. **Oxum**, uma das esposas de **Xangô** junto com **Iansã** e **Obá**, tem papel de destaque porque é a mãe da humanidade.

No subcampo masculino, **Oxalá** é o principal orixá, já que ele é o pai da humanidade. Quando mais velho recebe o nome de **Oxalufã** e, quando mais jovem, **Oxaguiã**. **Oxóssi** é o patrono das matas, grande caçador, irmão de **Xangô** e **Ogum**. **Xangô** compartilha com **Iansã**, sua esposa, o domínio dos raios e dos trovões. **Exu**, um orixá irreverente, é mensageiro e senhor das encruzilhadas.

O estudo do campo lexical dos orixás, em *O sumiço da Santa*, nos permitiu perceber que o léxico se relaciona com a cultura e com a identidade e é capaz de revelar aspectos muito seguros sobre as práticas religiosas de matriz africana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *O sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010 [1988].

ANTHONY, L. AntConc: (Versão3.4.3) [Software de Computador] Tóquio, Japão: Universidade de Waseda, 2014. Disponível em www.laurenceanthony.net/. Acesso em abr. 2020.

BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. 268 p.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005 [2001].

DOURADO, Lise Mary Arruda. *Ifá lexical: o léxico de terreiro em Tenda dos milagres, construção identitária do povo-de-santo* / Lise Mary Arruda Dourado. Salvador, 2010. 190f.

FERRAZ, AP. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Seabra MCTC, organizadora. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG; 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Coordenação de Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

LOPES, Nei. *Dicionário escolar afrobrasileiro*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

_____. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: *Sala do Professor: Caderno de Leituras: O universo de Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/detalhe.php?id=2>. Acesso em: 03/04/2020.

SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. *Orixás, santos e festas: encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador*. Salvador-BA: UNEB, 2003. 211f.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. A alimentação e a construção da identidade sertaneja em Seara Vermelha. In: LOPES, Norma; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. *A Bahia em perspectivas diversas: língua e discurso*. Salvador: Quarteto, 2015. p. 109-30

_____. Enveredando pela seara da flora e da fauna: um estudo lexicológico em Seara Vermelha, de Jorge Amado. In: MADUREIRA, André Luiz Gaspari; ABBADE, Celina Márcia de Souza; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. *Estudos de linguagem: léxico e discurso*. Curitiba: Appris, 2019. p. 119-42

_____. Uma análise lexicológica dos instrumentos e das relações de tra-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

balho em Seara Vermelha, de Jorge Amado. *Revista A Cor das Letras*, v. 18, n. 2, p. 294-302, maio-agosto, Feira de Santana, 2017.